

“El venino de tus amores”: a correspondência de Marco Aurélio e Boemia no *Libro Aureo* (1528), de frei Antonio de Guevara



Ricardo Hiroyuki Shibata

Um dos mais famosos tratados de educação principesca do século XVI escritos na Península Ibérica foi, sem dúvida alguma, o *Libro Aureo de Marco Aurelio* (Sevilha, Jacopo Cromberger, 1528), de Frei Antonio de Guevara. Esse *specula principis*, cujos assuntos e conselhos divididos estrategicamente em três livros amplificam muito dos *topoi* característicos das artes de governação de índole humanística dos reinados dos últimos Trastâmaras (Juan II, Enrique IV e Isabel I a Católica), em especial, aqueles que se circunscrevem ao âmbito do controle das paixões, da manutenção da família e do ordenamento do Estado, apresenta, em apêndice, um conjunto de cartas com destinatários e temáticas variadas até agora muito pouco estudado.

Dessa correspondência, pode-se destacar aquela trocada entre Marco Aurélio e Boemia, que, por suas revelações indiscretas acerca da vida íntima do tão conhecido imperador-filósofo romano, deveriam ter causado certo escândalo entre o público leitor do período. Por essa época, quando algum escritor se aventurava a descrever o retrato de algum monarca sempre o fazia no sentido de apresentá-lo como um manancial de virtudes e de feitos heróicos impressionantes e, nunca, como uma figura humana dotada de desejos e imperfeições como qualquer um de seus súditos. No entanto, suspeita-se, foi exatamente esse aspecto que contribuiu de modo decisivo para o grande sucesso editorial dessa obra, sobretudo se levarmos em conta que Guevara expurgou a versão inicial, suprimindo alguns capítulos do corpo do tratado e todas as cartas por considerá-las absurdamente indecorosas, porém, a despeito disso, elas insistiram em circular sob as mais diversas formas.

Como se sabe, o *Libro Aureo* em versão manuscrita fora oferecido por Guevara ao imperador Carlos V, de quem era confessor e um dos principais conselheiros. Pouco tempo depois, a obra circulava amplamente em cópias manuscritas e saía impressa sem autorização de Guevara e sem atribuição de autoria, num daqueles lances de oportunismo do impressor Jacopo Cromberger. Ao saber disso, rapidamente, Guevara apressa-se por publicar a “versão oficial” sob o título *Libro llamado Relox de Príncipes*, com a atribuição de autoria em destaque, saindo, no mesmo ano de 1529, em Valladolid, por Nicolas Thierry, em 8 de abril, e, em Lisboa, pelo impressor régio Germão Galharde, em 29 de setembro.¹ E é exatamente essa versão, também de enorme repercussão editorial e sucesso

¹ Esta primeira edição portuguesa, muito rara e preciosa, apresenta o emblema de D. João III na portada (o grifo e o escudo com as quinas e castelos) e é um dos tesouros sob salvaguarda da Seção de Reservados da

de público, que dá início a uma das mais extraordinárias carreiras literárias do século XVI, trazendo para Guevara reputação hispânica e internacional (REDONDO, 1976).

De muito pouco adiantou o expurgo. A correspondência de Marco Aurélio e Boemia continuaria a aparecer em apêndice em edições posteriores, muito provavelmente por imposição do público (BUESCU, 1996, p.173ss), além do que muitas cartas eram copiadas da versão inicial e corriam manuscritas, sendo imitadas e glosadas com muita frequência. Acerca disso, Antonio de Guevara, em carta-resposta a Dom Fadrique de Portugal, um de seus mais importantes familiares e benfeitores, que lhe havia solicitado alguma carta de Marco Aurélio ainda não dada à estampa, afirma que: “digo das que sam Moraes e de boas doutrinas, que de outras que escreveo sendo moço a suas namoradas, e ainda tenho razoável dellas, as quaes sam mais saborosas para ler, que não provejtosas para imitar”. E, temendo tornar-se “ingrato”, “desagradecido”, “sospeytoso” ou mesmo “mao christaõ” para com o destinatário, explica que:

Mil vezes me hei arrependido de aver traduzido aquellas cartas de amores, senão que o Conde Nassao, e o Principe de Orange, e Dom Pedro de Guevara meo primo me tiraram do sizo, e me fizeram fazer o que eu não queria nem devia. Sendo como eu era em sangue limpo, em profissima theologo, em habito religioso, e em condiçam cortezam, bem escusado fora a mim tomar officio de namorado, he a saber, em porme a escrever aquellas vaidades ou aquellas liviandades, pello qual eu peccador digo minha gravidade e ainda a minha honestidade. (...) Se por traduzir eu aquellas Cartas amatorias, e aver posto nellas razoens tam vivas e requebradas algum namorado ou alguma namorada ham pecado cogitatione, delectatione, consensu, visu, verbo, ex opere, outras e outras mil vezes pesso a Deos perdam do em que lhe ofendi, e do mao exemplo quede mim dej.²

Nesse sentido, deveria ter sido enorme o impacto causado pela carta de Marco Aurélio a Boemia, “una amiga suya” que desejava “yr con él a la guerra”. Como pode se depreender, essa carta de Marco Aurélio constitui-se numa resposta ao pedido da amiga, um antigo amor dos tempos de juventude, em que ela se dispõe a reencontrá-lo depois de muito tempo de separação e fazer companhia ao ex-amante, agora imperador, em meios às atribuições do campo de batalha. Marco Aurélio, em sua resposta, inicia em tom de franca

Biblioteca Nacional de Lisboa (Res 194 A), cujo título merece a devida referência: “Libro Llamado Relox de Príncipes enel qual va Encorporado el muy Famoso libro de Marco Aurelio: auctor devn libro y del otro: que es el muy reuere[n]do padre fray Antonio de guevara predicador y coronista de su magestad: y agora nueuame[n]te electo en obispo de Guadix el auctor auisa al lector: que lea primero los prologos: si quiere[n] ente[n]der los libros”.

² “Letra para Dom Fadrique de Portugal. Arcebispo de Saragoça e Viso Rey de Catalunha, na qual o Autor lhe envia huma Carta de Marco Aurélio, não das Cartas de amores, das quaes mostra pena pellas aver traduzido” (GUEVARA, cód. 4465, fol. 334).

As epístolas familiares de Guevara também sofreram severas críticas por parte de seus contemporâneos: “Los eruditos, severos y poco imaginativos, se indignan y vocean. Sufre ataques de Pedro de Rhua, Melchor y Agustín Cano, Pedro Bayle. El bachiller Rhua, su ex-amigo de Ávila, le dirigió en 1540 dos cartas censorias que puntualizaron errores e imposturas de las Epístolas Familiares. Guevara contestó desabridamente después de la segunda. Escéptico en materia histórica, sobre la que tantos han escrito, recurría sólo por pasatiempo a las humanas letras, y pensaba que, fuera de las Sagradas Escrituras, nada podía ser afirmado o negado. El docto bachiller, profesor de letras humanas en Soria, se da el gusto de componer otra carta, más extensa que las dos anteriores juntas y reprende al escritor de autoridad ‘que da fábulas por historias’, ficciones personales por escritos ajenos. Y hace bailar en esta circunstancia, el menosprecio de corte”, Cf. GUEVARA, 1946, p.11.

invectiva, que irá se estender por todo o corpo da carta, pois, ao ler a mensagem da amiga, afirma que se pode perceber claramente “la yerva de su malicia en el corazón”. O velho experimentado não é mais o moço que sobreviveu ao “venino [sic] de tus amores” e sabe que não há “en muger concierto, ni razón en el amor, ni fin en el aborrescimiento”. E, peremptoriamente, “Esto digo porque sepas que, si mi edad dexó el exercicio, mi juicio no olvidó el arte” (GUEVARA, 1994, p.1046).

Esse argumento da experiência e prudência da velhice em contraposição aos prazeres desmesurados da mocidade será também levantado para fazer frente às queixas da amiga por tê-la esquecido. No estado de ignorância que caracteriza a mocidade, “yo”, diz Marco Aurélio, “guardava cantones, ruava calles, pintava motes, ojeava ventanas, tañía guitarras, escalava paredes”, porém esses jogos de amor são agora inadmissíveis para um velho; muito menos, são decorosos para uma mulher que há tempo viu passar a flor dos anos e que tem “dos dientes menos, los ojos hundidos, los cabellos blancos, la cara arrugada, una mano anclavada de gota y um lado tomado de yjada” (Idem, 1047). Assim, o convite da amiga só pode ser fruto da ganância, a mesma ganância da juventude, “que si a ti sacavas las cerjas con una mano, desatavas mi bolsa con la outra (...) Nunca tuve joya buena que no me pidiesses, ni cosa me pidieste que yo te negasse” (Idem, 1048). Marco Aurélio não iria perder a oportunidade de referir os muitos amores de Boemia e que ela era uma das “enamoradas romanas” (Idem, p.1040-45), cuja companhia fazia o deleite de levianos, néscios e viciosos. Ele era tão somente mais um dentre muitos. E termina por rogar um pedido de discrição, porque aquilo que se escreve em segredo (“yo te escribo secreto”) não deve ser disseminado para infâmia pública. Marco Aurélio concordaria plenamente com Santo Agostinho que dizia que um passado infame e desonroso avisa o bom cristão para estar sempre no caminho seguro da virtude, salvaguardando a prática dos bons costumes e as regras do bem viver.

No entanto, muito maior impacto ainda deveria ter causado as revelações indiscretas da vida amorosa do imperador na resposta de Boemia a Marco Aurélio. Se era a má fama pública que o imperador tanto temia, daí o pedido de discrição, é justamente por este ponto que Boemia inicia seu contra-ataque (“lo que no pudo con mi persona, trabajaré vengarlo con mi lengua”, Idem, p.1049). A diatribe de Boemia irá se deter justamente naquilo que Marco Aurélio reputava como erros da juventude, porém, para Boemia, o esforço será o de provar que o velho de agora é decorrência imediata do jovem repleto de vícios de outrora, em tudo semelhantes à exceção da falta de vigor físico (um dos males da velhice, como diria Pulgar em sua “Letra contra la vejez”) (PULGAR, fol.45r-47v) e da maior habilidade em contrafazer a virtude. Para Marco Aurélio, a experiência dos anos acumulados na velhice traz consigo a prudência, a conduta virtuosa e a vida em conformidade com os mais altos padrões morais; Boemia concorda que os anos trazem a experiência, porém também transformam o jovem leviano em velho louco: “Dime lo que quiseres, que a lo menos esto no me lo podrás negar, que has sido y eres agora amator túbio, cavalleiro covarde, amigo desconocido, avariento, infame, malicioso, crudo enemigo de todos y amigo de ninguno” (GUEVARA, 1994, p.1049).

A partir daqui, o caráter admoestatório da carta de Boemia esforça-se no sentido de responder satisfatoriamente a cada um dos argumentos levantados pela carta de Marco Aurélio. Se a erva venenosa está presente nos pedidos de Boemia, ela se anula pela hipocrisia do tirano em vestes de filósofo; se o amor das mulheres é antes aborrecimento, mais ainda naqueles homens, como Marco Aurélio, que nunca foram fiéis em seus serviços ao verdadeiro amor às damas; e se Boemia deseja seguir o imperador nas batalhas, isto se

deve não à ganância e à lógica da troca de favores, porém enfaticamente ao “amor de la patria”, ao espírito de sacrifício (“dexava Roma con todos sus placeres y te yva buscar a tierras estrañas entre batalhas tan crudas”), e, em especial, ao mais puro amor - um amor, “porque jamás fueste de veras de señoras amado” (IDEM, p.1051).

Boemia reconhece seus erros de juventude, assim como Marco Aurélio também o fizera, entretanto isto se deveu, antes de tudo, à ignorância e aos ditames da lei natural à qual as mulheres estão necessariamente submetidas (a conhecida tópica da inferioridade das mulheres em relação aos homens, porque nelas falta a luz da razão) e não à malícia, ao cálculo, à mentira e aos arremedos da arte. Estes são privilégios dos homens. Diz ela que: “Tú no buscaste ocasión de entrar en casa de mi madre Getulia por sosacar a mi, su hija Bohemia? Tú no prometiste a mi padre de enseñarme a leer en un año y tú leýasme el libro de amores de Ovidio? Tú no juraste ser mi marido y después alçástete a tu mano como malo y adúltero?” (IDEM, p.1051). No entanto, para o amante ingrato que se tornou imperador – aliás, diga-se de passagem, em nenhum momento Boemia nega a legitimidade do poder político exercido por Marco Aurélio e sua capacidade de pagar os serviços que lhe foram prestados – e falso filósofo, o maior dos castigos é ter abandonado a amante ferosa e conhecida prostituta, e ter esposado, por ignorância, uma mulher nada virtuosa, exatamente uma daquelas “enamoras romanas” a quem tanto Marco Aurélio havia admoestado: “con tu gran doctrina tu casa de día está hecha escuela de filósofos, y la lascivia de tu Faustina la tiene fecha de noche burdel de rufianes” (IDEM, p.1052). Se a estas meretrizes lhes sobram a cobiça e a infâmia, mais infâmia ainda para os “mezquinos ingratos” e ao “ladrón cossario e mañoso”, que faz questão de ninharias e que desconfia do pedido de Boemia, cujo interesse não era extorquir dinheiro a um velho amigo, mas apenas satisfazer as inclinações da vontade e proporcionar deleite ao coração. É característico dos homens vãos e malignos esquecerem-se, quando felizes, do que haviam conseguido quando desafortunados: “El hombre que no ama como hombre de razón, sino como bruto bestial, e la muger que no ama por ser amada, sino por interesse a su persona; a los tales no han de creer sus palabras, ni querer sus personas; porque el amor della se acaba quando a él se acaba la hazienda y el amor dél quando a ella se le pierda la fermosura” (IDEM, p.1052-1053).

Conquanto Marco Aurelio afirme que a cobiça, a ganância e o desejo de compensação por melhor pagamento são aquilo que movem as palavras da amiga – e ele ressalta, em nome da liberalidade, que ela já foi mais do que devidamente recompensada –, para Boemia, os serviços prestados, a lealdade que devotara ao antes jovem formoso e, sobretudo, o enorme investimento afetivo mereceriam em resposta mais do que uma série de impropérios. É justamente em nome desse enorme afeto que Boemia, com toda a autoridade que lhe é própria, profere uma maldição: “al presente no digo más, sino que doy fin a esta carta desseando el fin a tu persona” (IDEM, p.1053).

Ora, se o retrato que as cartas esboçam de Marco Aurélio, a partir dessas indiscrições de Boemia, é estrategicamente a do caráter privado da figura do imperador, no entanto é importante explicar que isto se faz tão-somente no mesmo sentido daquelas cartas que se dirigem aos “familiares”, isto é, àqueles a quem se está ligado por laços de parentesco e aos amigos, cujo teor, a despeito de acomodar um conjunto muito vasto de assuntos, trata basicamente das relações com aqueles que fazem parte do círculo mais próximo de quem escreve. Como bem lembra Marco Aurelio, amostando a Piramón por não responder a uma carta sua, que “quán propincos somos en el parentesco, cuán antiguos en el amistad, cuán firmes en el amor, cuán tiernos en los corazones y cuán provados en todo lo que se

pruevam los verdaderos amigos” (IDEM, p.1023). E ressalta que a amizade verdadeira, conforme o argumento de Cícero do *De Amicitia*, faz de duas vontades uma única e só vontade pela virtude das melhores práticas morais:

Bien te acordarás quando estovimos en Rodas, donde en una casa moramos y en una mesa comimos: lo que tú pensavas, yo lo ponía por obra; lo que yo dezía, no lo contradecías; por cierto tú en mi corazón, yo en tus entrañas; yo siendo tú, tú siendo yo; siendo dos al parecer, no teníamos más de un querer (IDEM, p.1023-1024).

É importante explicar aqui que, a partir do caráter “geminado” do ofício régio, cuja doutrina teológico-política foi configurada na Idade Média e desenvolvida posteriormente na Idade Moderna, conforme explicou Ernest Kantorowicz (1985) a respeito dos dois corpos do rei, isto é, das relações entre a “pessoa pessoal” (*persona personalis*) – do ser humano de carne e sangue, sujeito às vicissitudes do tempo – e a “pessoa fictícia” (*persona ficta, mystica*) – o ofício que desempenha o titular do cargo de príncipe soberano –, as cartas de Marco Aurélio não possuem viés simplesmente privado no sentido da individualidade burguesa constituída a partir de finais do século XVIII, porém apresentam-se estrategicamente vinculadas ao viés público das funções governativas daquele que exerce a administração do Estado (DUFURNET, FIORATO & REDONDO, 1990; MUTO, 1998). Vale dizer, as ações particulares e de escopo individual dos monarcas rebatem estrategicamente no âmbito moral das melhores práticas antigas, do exemplo dos varões ilustres com seus ditos dignos de memória e de suas ações grandiosas, enfim, do tempo da memória que deve ser repostado para se conservar a tradição e, através dela, a ordem instituída.

Quando Catulo pedira a Marco Aurélio as notícias mais frescas da corte de Roma, este lembrava com contundência que a capital do Império se assemelhava a um bando de ladrões rapaces, justamente no sentido daquilo que havia afirmado Dionides, o famigerado pirata que assolava as costas italianas, a Alexandre o Grande:

Alexandre, porque yo salteo com un navio solo por la mar llámanme ladrón: a ti, porque robas com cc naos y turbas el mundo com cc mil hombres, llámante Emperador. Yo te juro, Alexandro, si la fortuna se amansasse contra mí y los dioses se encrudeciesen contra ti, y a mí me diesen tu Imperio y a ti mi pobre navío, por ventura yo sería mejor rey y tú peor ladrón que yo (IDEM, p.1033-1034).

Nessa mesma carta, um pouco mais adiante, Marco Aurélio, dando conta mais precisamente das demandas do amigo, isto é, acerca de notícias mais frescas da corte romana, refere que um dos acontecimentos que mais o impressionaram foi a “plática” do embaixador da ilha de Cetin que vinha conhecer de perto a fama dos governantes romanos e as virtudes dos conselheiros do Senado, todavia, decepcionado, sublinhara que: “si lo dioses no me tienen ciego y mi juizo no está turbado, o vosotros no soys los romanos de Roma, o ésta no es Roma la de los romanos”.

Imediatamente a seguir, observa com a tradição do menosprezo de corte:

Qué aprovecha dexéys las armas por seguridad de vuestras personas y metáys las con que matáys a todas las gentes? Qué aprovecha al triste negociante que el senador entre desarmado de espadas y coraças, y corazón entre en el Senado armado de malicias? (...) O a vosotros os quitan las armas por locos, o por apasionados. Si por ambiciosos y apasionados, no es de romanos,

sino de tyranos que los bulliciosos sean juezes de los pacíficos, los ambiciosos de los humildes y los maliciosos de los simples (IDEM, p.1036).

Assim, não é por acaso que Guevara insiste, em seu “Prefácio” ao *Libro Aureo*, que o Marco Aurélio que vai apresentar em seu tratado é a verdadeira figura histórica do ilustre imperador romano e que, para tanto, havia consultado um preciso e raríssimo códice da biblioteca de Cosme de Médici em Florença (hoje em dia já sabemos, os *Pensamentos* de Marco Aurélio só foram publicados em 1558) (MÁRQUEZ VILLANUEVA & REDONDO, 1980, p.173). Igualmente não é por acaso que essa linha de força central, cujo objetivo é desempenhar um sentido público a enunciados privados, também é aquela que estrutura as outras cartas do imperador, mesmo quando se investe na correspondência de espectro tradicionalmente cerimonioso e institucional, em particular, nas cartas de temática consolatória, cujo âmbito retoma certos aspectos das “letras” de Fernando de Pulgar, que se fundam na doutrina aristotélica da fortaleza (*fortitudo*) e na tradição literária das *Tusculanas* de Cícero, e nas de caráter propriamente político e de admoestação moral em forma de “razonamientos” tão disseminados nas práticas literárias das cortes hispânicas desde pelo menos o século XV.³

Obviamente, a matriz literária mais verossímil das cartas de Marco Aurélio e Boemia é a da tradição das epístolas amorosas de Ovídio (*Epistolae Heroidum*) muito disseminadas nas letras hispânicas – quer em versões latinas, quer em romance, seja por anônimos (como a *Crônica Troiana*, de diversas versões e de enorme sucesso editorial), seja por autores de nome destacado (Alfonso X, Juan de Encina, Rodríguez del Padrón, Cristóbal Castillejo, João Roiz Sá de Meneses) –, que acabaram por fixar o modelo de prestígio para a escrita em prosa de cartas de tema amoroso. Mais ainda: como salienta Domingo Ynduráin (1988, p.492), as cartas amorosas escritas por Guevara para o *Libro Aureo* derivam de uma tradição cortesã e medievalizante com forte parentesco com os romances de cavalaria (por exemplo, *Calixto e Melibea* e *Amadis de Gaula*) e com as novelas sentimentais (como o inaugural *Histoire de deux amants, Euryale et Lucrece*, de Eneas Silvio Piccolomini; o *Siervo libre de amor*; o *Cárcel de amor*; *Grimalte y Gradisa*, de Juan de Flores; *Arnalte y Lucenda*, de Diego de San Pedro, e o *Naceo e Amperidônia*) (ASENSIO, 1974; DUARTE, 1986; HOOK, 1985; LAGO, 1997; PAIXÃO, 2002; QUINT, 2001), pois foram produzidas tendo em vista o mesmo público leitor e o mesmo ambiente refinado e aristocrático das grandes casas senhoriais da Península Ibérica.

Nesse sentido, se o discurso de amor das cartas de Marco Aurélio com seus dispositivos de enunciação e arsenal de lugares-comuns remetem a domínios históricos mais precisos, ele, não menos, adequa-se perfeitamente ao conjunto em que está estrategicamente inserido, vale dizer, aos três livros que compõem o *Libro Aureo*, em que o primeiro desvela como há de comportar-se o príncipe cristão na condução da comunidade política ao bem comum e ao fim providencial para o qual foi investido; o segundo, suas relações com seus familiares (esposa, filhos e amigos) e com os demais encargos da administração da casa; e o terceiro, a

³ Ver, por exemplo, em Fernando del Pulgar, as letras: V (“para el obispo de osma”, fol. 52r-53r), VI (“para vn cavallero criado del arçobispo de toledo en respuesta de outra suya”, fol. 53r-55v), VII (“para el rey de portogal”, fol. 55v-59r), X (“para don enrique, tio del rey”, fol.61v), XI (“par la reyna”, fol. 61v-62v) e sobretudo XVI (“del razonamiento fecho ala reyna quando fizo perdon general en seuilla”, fol. 67v-70r), Cf. PULGAR, Fernando del. *Letras*. In: *Claros Varones de Castilla*, Zaragoza, Pablo Hurus, c.1493, Seção de Reservados/Biblioteca Nacional de Lisboa, Res. 235 V, F. 304.

maneira de governar a si mesmo, cultivando as virtudes e robustecendo a vontade. Essas três instâncias – da política, da economia e da ética – entrecruzam-se a partir do eixo central que se constitui a biografia romanceada do imperador Marco Aurélio, em que as cartas cumprem o papel específico de relatar alguns lances da vida do monarca quando jovem.

Dessa forma, do ponto de vista da educação do príncipe, o caráter privado das cartas de Marco Aurélio e Boemia está ligado propriamente àquela terceira parte, cujo escopo diz respeito ao domínio das paixões e ao aprimoramento de si mesmo (GUEVARA, cód.4465, fol.37, fol.506, fol.508, fol.511, fol.94-97, fol.97-102), necessários ao bom governante enquanto homem. É o próprio Guevara que sublinha, na parte exordial da epístola familiar acerca “De sete condições que ha de ter o bom Rei, e expõem o Autor huma autoridade da escriptura Sagrada”, que “tal hade ser o Rey em sua pessoa, e como se hade aver na governança da Respublica: porque o Principe não basta que seja bom homem, senão he bom Respublico, nem basta que seja bom respublico, senão he bom homem” (Ver GUEVARA, cód.4465, fol.7, os sublinhados são do doriginal).

E, na peroração, com a qual Boemia certamente concordaria, Guevara ressalta que a virtude principal do monarca é a liberalidade:

Os Princeses e grandes Senhores pella potencia que tem sam temidos, e pello mujto que dam sam amados, que assim ninguem segue a o Rey por que he bem acondicionado, senão por pensar que he dadivoso. Manda Deos em sua Ley que o Principe não ajunte tesoros, não quer outra cousa dizer, senão que todos lhe sirvam de vontade, a elle use con todos de liberalidade: porque mujtas vezes acontece, que deser os Princeses muj pesados no dar, vem despois a não lhes querer ninguem agradecer (IDEM, Ibidem; ver também fol.228, fol.231, fol.292, fol.293).

Bibliografia

ASENSIO, Eugenio. Bernardim Ribeiro a la luz de un manuscrito nuevo: cultura literaria y problemas textuales, In: *Estudios Portugueses*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1974, pp.199-223.

BUESCU, Ana Isabel. *Imagens do Príncipe*. Discurso normativo e representação (1525-49). Lisboa: Cosmos, 1996.

GUEVARA, Frei. Antonio de. *Relox de Príncipes*. Estudio y edición de Emilio Blanco. Madrid: ABL Editor/Conferencia de Ministros Provinciales de España, 1994.

_____. *Epistolas Familiares de Dom Antonio de Guevara. Bispo de Mondonhedo, Pregador, Cronista e do Conselho do Emperador Dom Carlos Quinto. Nas quaes ha cousas notaveis, e Razonamentos muy altos e curiosos, com exposiçoens de figuras, Authoridades, Medalhas, Letrejros, Epitaphios de Sepulturas: Ley e Costumes antigos, Doctrinas e exemplos para todo o estado de Pessoas, ao estilo de Marco Aurelio, por que o Autor he todo hum. Primeira e Segunda Parte*, Seção de Reservados/Biblioteca Nacional de Lisboa, cód. 4465.

_____. *Epístolas Familiares*. Selección prologada por Augusto Cortina. Buenos Aires/México: Espasa-Calpe, 1946.

DUARTE, Luiz F. (org.). *Naceo e Amperidónia*. Novela sentimental do século XVI. Lisboa: INCM, 1986.

DUFOURNET, Jean; FIORATO, Adelin & REDONDO, Augustin. *Le pouvoir monarchique et ses supports idéologiques aux XIVe-XVIIe siècles*. Paris: Publications de la Sorbonne Nouvelle, 1990.

HOOK, David. *Naceo e Amperidónia*. A 16th Century Portuguese Sentimental Romance. *Portuguese Studies*, 1, 1985, pp.11-46.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Los dos cuerpos del rey*. Um estudio de teología política medieval. Madrid: Alianza, 1985.

LAGO, Maria Paula. *Naceo e Amperidónia*. Estatuto da novela sentimental. Braga: Angelus Novus, 1997.

MÁRQUEZ VILLANUEVA, Francisco & REDONDO, Augustin. Burlas y veras en fray Antonio de Guevara. In: LÓPEZ ESTRADA, Francisco. *Historia y Crítica de la Literatura Española*. v. II. Barcelona: Crítica, 1980, pp.165-178.

MUTO, Giovanni. Classificazioni e generi: dai libri di “gobierno y estado” ai “livres politiques”. In: *Coleccionismo y bibliotecas (siglos XV-XVIII)*. Dirigido por Pedro Cátedra y María Luisa López-Vidriero, Edición al cuidado de M. Isabel Hernández González. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1998, pp.504-520.

PAIXÃO, Rosário Santana. Amadis e Oriana: a perigosa aventura do Amor. Da tradição romanesca medieval às representações quinhentistas peninsulares. In: *Matéria de Bretanha em Portugal*. Actas do Colóquio realizado em Lisboa nos dias 8 e 9 de novembro de 2001. Coordenação L.C. Neves, M. Madureira e T. Amado. Lisboa: Colibri, 2002, pp.102-117.

PULGAR, Fernando del. Letars. In: *Claros Varones de Castilla*, Zaragoza, Pablo Hurus, c.1493, Seção de Reservados/Biblioteca Nacional de Lisboa, Res. 235 V, F. 304.

QUINT, Anne-Marie (dir.). *Le conte et la lettre dans l'espace lusophone*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2001.

REDONDO, Augustin. *Antonio de Guevara (1480?-1545) et L'Espagne de son temps*. De la carrière officielle aux oeuvres politico-morales. Genebra, 1976.

YNDURÁIN, Domingo. Las cartas de amores. *Homenaje a Eugenio Asensio*. Madrid: Gredos, 1988, pp.490-502.